

MAIS DE 150 MIL EXEMPLARES VENDIDOS NA ALEMANHA  
VENCEDOR DO YOUTH LITERATURE AWARD

# O JOGO DA MORTE

URSULA POZNANSKI



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



**URSULA POZNANSKI**

**O JOGO  
DA MORTE**

Tradução de  
GABRIEL PEREZ

1ª edição



**G A L E R A R E C O R D**  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Poznanski, Ursula, 1968-  
P867j O jogo da morte [recurso eletrônico] / Ursula Poznanski; tradução Gabriel Perez. - 1. ed. - Rio de Janeiro:  
Galera Record, 2013.  
recurso digital

Tradução de: Erebos  
Formato: ePub  
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions  
Modo de acesso: World Wide Web  
ISBN 9788501100344 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil austríaca. 2. Livros eletrônicos. I. Perez, Gabriel. II. Título.

CDD: 028.5  
CDU: 087.5

13-04137

Título original:  
*Erebos*

Copyright © 2010 Loewe Verlag GmbH, Bindlach

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela  
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000  
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 9788501100344

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



*Para Leon*

*Começa sempre à noite. À noite eu alimento meus planos com escuridão. Se existe algo que eu possua em abundância é a escuridão. Ela é o chão onde florescerá o que quero cultivar.*

*Desde sempre, quando me perguntavam, eu preferi a noite ao dia e o porão ao jardim. Apenas após o pôr do sol minhas mutiladas criaturas de ideias ousam sair de seus refúgios para respirar o ar gélido. Elas esperam que eu dê aos seus corpos deformados alguma beleza grotesca. Uma isca tem de ser bela para que a presa só perceba o anzol quando ele já repousa no fundo da carne. Minhas presas. Eu quase as quero abraçar sem conhecê-las. De certa maneira, eu farei isso. Nós seremos um, no meu espírito.*

*Eu não preciso procurar a escuridão, ela está sempre ao meu redor, eu a exalo como minha respiração. Como o suor do meu corpo. Entretanto, as pessoas me evitam, e isso é bom. Elas se esgueiram à minha volta, sussurrando, desconfortáveis, amedrontadas. Elas acham que é o fedor que as mantém afastadas, mas eu sei, é a escuridão.*

Já são três e dez e nem sinal de Colin. Nick quicava a bola de basquete sobre o asfalto, pegando-a uma vez com a mão direita, outra com a esquerda, e então com a direita de novo. Ouvia-se um estrondo breve e melódico cada vez que a bola tocava o chão. Ele se esforçava para manter o ritmo. Só mais vinte — e então, se Colin não chegar, Nick irá para o treino sozinho.

*Cinco, seis.* Não era do feitio de Colin faltar sem dar explicação. Ele sabia bem como as pessoas eram cortadas rapidamente do time do treinador Betthany. O celular de Colin também estava desligado, ele com certeza havia se esquecido de carregar a bateria. *Dez, onze.* Mas esquecer também o basquete, seus colegas, seu time? *Dezoito. Dezenove. Vinte.* Nada do Colin. Nick deu um suspiro e colocou a bola embaixo do braço. Tudo bem, hoje a maioria das cestas ficaria finalmente por sua própria conta.

O treino foi puxadíssimo e deixou Nick encharcado de suor após duas horas. Com as pernas doloridas, Nick foi mancando para debaixo do chuveiro, pôs-se debaixo do jato d'água e fechou os olhos. Colin não apareceu mais, e Betthany, como esperado, ficou louco, descontando sua raiva inteiramente em Nick, como se fosse ele o culpado pela ausência de Colin.

Nick passou o xampu na cabeça e lavou seu cabelo — aos olhos do treinador Betthany — demasiadamente longo, prendendo-o em seguida em uma trança com um elástico. Ele foi o último a deixar o ginásio, lá fora já era noite. Enquanto descia as escadas rolantes em direção ao metrô, Nick tirou seu celular do bolso e digitou o código de discagem rápida sob o qual ele havia armazenado o número de Colin. Após o segundo toque, a caixa postal atendeu e Nick desligou sem deixar recado.

Sua mãe estava deitada no sofá lendo uma de suas revistas de cortes de cabelo enquanto assistia à televisão.

— Hoje só vai ter cachorro-quente — disse ela, mal Nick havia batido a porta. — Estou esgotada. Você pode pegar uma aspirina para mim na cozinha?

Nick jogou sua bolsa do basquete no canto e colocou um comprimido de aspirina em um copo com água. *Cachorro-quente, que ótimo.* Ele estava morto de fome.

— Meu pai não está em casa?

— Não, ele vai chegar mais tarde. É aniversário de um colega dele.

Sem muitas esperanças, Nick examinou a geladeira procurando algo mais palatável que salsicha — o resto da pizza de ontem, por exemplo —, mas não encontrou nada.

— O que você acha do que aconteceu com Sam Lawrence? — gritou a mãe, da sala. — Loucura, né?

*Sam Lawrence?* O nome não lhe era estranho, mas ele não conseguia relacioná-lo a nenhuma pessoa. Sempre que ele estava cansado como hoje, as informações codificadas de sua mãe lhe irritavam consideravelmente. Ele lhe serviu o coquetel contra dor de cabeça e ficou se perguntando se não deveria também tomar um comprimido.

— Você estava lá quando eles o levaram? A sra. Gillinger me contou a história hoje, enquanto eu pintava suas mechas. Ela trabalha na mesma empresa que a mãe do Sam.

— Diga-me uma coisa: Sam Lawrence estuda na minha escola?

A mãe o fitou com ar de desaprovação.

— Mas é claro! Apenas duas séries abaixo da sua. Ele foi suspenso das aulas. Você não ficou sabendo da confusão toda?

Não, Nick não sabia de nada, mas sua mãe fez questão de lhe contar detalhadamente o ocorrido.

— Encontraram armas no armário dele! Armas! Parece que eram um revólver e dois canivetes. Onde é que um garoto de quinze anos arruma um revólver? Você pode me dizer?

— Não — disse Nick, contando a verdade. O escândalo todo, como a mãe o chamou, lhe passou despercebido. Ele pensou nos massacres nas escolas americanas e sentiu um agito involuntário. Será que existia mesmo gente tão doente ao seu redor? Ele sentiu o dedo coçar para ligar para Colin, talvez ele soubesse mais a respeito, mas ele nem atendeu, aquele preguiçoso. Talvez tenha sido melhor, pois provavelmente sua mãe exagerou de novo e o tal do Lawrence só tinha consigo uma pistola de água e uma faca de cozinha.

— É triste como tudo pode dar errado enquanto os filhos estão crescendo — disse



a mãe, encarando-o com aquele olhar de quem diz *meu fofinho, meu pequeno, meu bebê, você não faria uma coisa dessas, não é?*

Era essa a expressão que fazia Nick sempre ponderar se ele não deveria se mudar para a casa do irmão.

— Você estava doente ontem? Deve ter sido praga do Betthany!

— Não. Está tudo bem. — Os olhos avermelhados de Colin fixavam a parede do corredor da escola ao lado da cabeça de Nick.

— Tem certeza? Você está com uma cara horrível.

— Tenho. Eu não dormi nadinha na noite passada.

Rapidamente o olhar de Colin dirigiu-se ao rosto de Nick, para depois voltar a fixar-se na parede. Nick conteve um suspiro de raiva. Falta de sono nunca havia deixado Colin desse jeito.

— Você estava na rua?

Colin sacudiu a cabeça, suas tranças rastafári balançaram para lá e para cá.

— Certo. Mas se tiver sido seu pai que mais uma vez...

— Não foi meu pai, está bem? — Colin esquivou-se de Nick e foi para a sala de aula. No entanto, ele não se sentou no seu lugar, e sim caminhou em direção a Dan e Alex, sentados perto da janela, totalmente interessado na conversa deles.

*Dan e Alex?* Nick piscou os olhos sem acreditar. Aqueles dois eram tão sem-graça que o Colin costumava chamá-los de “irmãs tricoteiras”. A irmã tricoteira 1 (Dan) era um nanico que dava a impressão de querer compensar isso com seu traseiro particularmente gordo, que ele fazia questão de coçar. Já a irmã tricoteira 2 (Alex) mudava a cor do rosto, em velocidade digna de recorde, do branco-papel para vermelho-sangue no mesmo instante em que alguém se dirigia a ele. Toda vez.

Será que Colin pretende candidatar-se ao posto de irmã tricoteira número 3 com os outros dois?

— Não estou entendendo — murmurou Nick.

— Falando sozinho? — Jamie apareceu atrás dele, deu um tapinha em seu ombro e largou a mochila esfarrapada pela sala de aula. Ele sorriu para Nick, mostrando-lhe os dentes mais tortos que se podiam encontrar na escola.

— Falar sozinho é um mau sinal. É um dos primeiros sintomas de esquizofrenia. Você já está ouvindo vozes também?

— Que besteira! — Nick deu um empurrãozinho amigável em Jamie. — Mas, veja, Colin está todo amigo das irmãs tricoteiras.

Ele olhou mais uma vez os três e ficou perplexo. Não era amizade aquilo, e sim submissão. Colin estava agora com um olhar suplicante jamais visto.

Involuntariamente, Nick se aproximou alguns passos.

— Eu não entendo, qual o problema de você me dar mais algumas dicas? — ele ouviu seu amigo dizer.

— Não dá. E pare de agir assim, você mesmo sabe — disse Dan, cruzando os braços sobre sua barriga. Na gravata de seu uniforme havia grudado um resto da gema do ovo do café da manhã.

— Ah, vai, não é nada demais dedurar. E eu não vou caguetar você.

Enquanto Alex olhava Dan com um ar desconfiado, sua satisfação com a situação estava estampada de maneira óbvia em seu rosto.

— Esqueça — insistiu Dan. — Não seja tão presunçoso. Vamos ver como se sai nessa.

— Ao menos...

— Não! Cale essa boca, Colin!

Logo, logo. Daqui a pouco Colin vai segurar Dan pelos ombros e fazê-lo voar pelo corredor. Daqui a pouco.

No entanto, Colin apenas abaixou a cabeça e olhou para a ponta dos seus sapatos.

Havia alguma coisa errada aí. Nick caminhou na direção da janela e se juntou aos três.

— E aí, o que está havendo com vocês?

— Está precisando de algo? — perguntou Dan agressivamente.

Nick passou o olhar entre ele e os outros dois.

— De você, não — respondeu. — Só do Colin.

— Você está cego? Ele está conversando com a gente.

Nesse momento Nick ficou até sem ar. Como é que ele lhe falava daquela maneira?

— Ah, é mesmo, Dan? — perguntou ele vagorosamente. — E sobre o que ele poderia conversar com você? Sobre estampas de tricô?

Colin lhe lançou um olhar rápido com seus olhos negros, mas sem dizer uma palavra. Se a sua pele não fosse tão escura, Nick poderia jurar que ele tinha ficado vermelho.

Não pode ser! Será que Colin está escondendo algo que o Dan saiba? Será que ele o está chantageando?

— Colin — Nick falou alto —, Jamie e eu vamos nos encontrar depois da aula com um pessoal no Camden Lock. Você vem?

Demorou um tempo até Colin responder.

— Ainda não sei — disse ele com o olhar concentrado na janela. — É melhor não contar comigo.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

